

Laura Mottin Soares

Arquiteta e urbanista, graduada pela UNIVATES, em 2012/02, pós-graduanda no curso de especialização em Design de Interiores do Centro Universitário UNIVATES. Atua no escritório de Arquitetura Anello, desde outubro de 2015, em projetos arquitetônicos residenciais, institucionais, comerciais bem como em interiores residenciais e comerciais.

Orientadora Jamile Maria Weizzmann

Arquiteta e urbanista, graduada pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos, UNISINOS em 2005/02. Mestre em Teoria e Crítica da Arquitetura pelo Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - PROPARG/UFRGS. Atualmente é doutoranda no mesmo Programa, na linha de Pesquisa em Fundamentos teóricos e metodológicos da arquitetura. Atua como professora no curso de Pós-Graduação em Design de Interiores da UNIVATES e também como docente e coordenadora do Curso de Graduação em Arquitetura e Urbanismo da UNIVATES.

Ambientes colaborativos no trabalho e no ensino: o papel da arquitetura de interiores frente à inovação

Um olhar sobre a obra de Woods Bagot

Laura Mottin Soares

RESUMO

O presente artigo visa promover a reflexão sobre a importância da arquitetura de interiores em projetos de ambientes colaborativos para o trabalho e para o ensino, frente às transformações da sociedade. São apresentados quatro casos do escritório Woods Bagot, referência em projetos inovadores na área de arquitetura, buscando elucidar a composição dos espaços internos e suas características principais frente à inovação objetivando contribuir para a prática em arquitetura de interiores.

PALAVRAS CHAVES: ARQUITETURA DE INTERIORES; WOODS BAGOT; INOVAÇÃO; AMBIENTES COLABORATIVOS; AMBIENTES DE TRABALHO; AMBIENTES DE ENSINO.

ABSTRACT

This article aims to promote the reflection on the importance of interior architecture in projects of collaborative spaces for work and teaching, in face of the transformations of society. Four cases of Woods Bagot office, a reference in innovative projects in the area of interior architecture, are presented, with the object of elucidating the composition of the internal spaces and their main characteristics against innovation contributing to the practice in interior architecture.

KEY WORDS: INTERIOR ARCHITECTURE; WOODS BAGOT; INNOVATION; COLLABORATIVE ENVIRONMENTS; WORKING ENVIRONMENTS; TEACHING ENVIRONMENTS.

INTRODUÇÃO

A era digital e as redes virtuais revolucionaram a maneira de trabalhar, aprender e viver. A facilidade em compartilhar o conhecimento, bem como o processo criativo acelerado e o desejo por diversidade, causaram mudanças significativas transformando os ambientes e estilo de vida.

Vive-se um momento notório de transformação cultural, de uma sociedade conectada e digital, onde que a inovação é necessária e reivindicada. Isso tudo requer que a arquitetura de interiores acompanhe os novos tempos, já que influencia de forma direta na forma como as pessoas se relacionam.

Para Ekvall (1996), o humor e a criação de um ambiente descontraído favorecem a criatividade e a espontaneidade, fatores relevantes para geração de novas ideias. Amabile (1997) diz que a motivação para a inovação está relacionada à ausência de problemas políticos, crítica destrutiva e competição, bem como à ausência de procedimentos excessivamente formais. Cabe ressaltar a ideia do ócio criativo, em que, segundo Domenico de Masi (2000) "o futuro do trabalho na sociedade pós-industrial está marcado pela união entre estudo e lazer".

Neste contexto, existem novas demandas para o profissional de arquitetura e urbanismo que atua em interiores. Tal contexto desafia o profissional a contribuir atendendo às necessidades sociais de mudança cultural, tanto no ato de trabalhar, quanto, frente ao ensino e aprendizagem na contemporaneidade. Na questão do trabalho e de negócios busca-se "trabalhar junto" e não mais isoladamente na solução de problemas complexos e na inovação de serviços. Paralelo a isso, no ensino e na aprendizagem vivenciam-se mudanças, principalmente no que tange à difusão das metodologias ativas e sua inserção em espaços multidisciplinares e interdisciplinares.

Tendo em vista esses aspectos, este artigo objetiva compreender como a arquitetura de interiores impacta nos espaços colaborativos e inovadores, incitando a criatividade e as trocas interpessoais em ambientes de negócios e de ensino. A partir deste tema, a metodologia abarca a técnica do estudo de caso, nos quais se aplica a análise qualitativa. Como recorte deste estudo limita-se alguns exemplares de interiores de *Woods Bagot*¹, sendo este, um escritório de produção interessante nesta temática.

A estratégia para a análise de cada caso envolve primeiramente a identificação do zoneamento geral de usos, a partir do qual se destaca o espaço colaborativo de maior relevância. Neste espaço, elucidam-se a materialidade, as características do mobiliário e paleta de cores utilizada e as configurações de layout e organização possíveis.

WOODS BAGOT

Enquanto existem diversos outros escritórios tradicionais de arquitetura, *Woods Bagot* vem se destacando. Este destaque está atrelado aos projetos conectados aos novos tempos. Os casos definidos para análise neste artigo são de autoria do escritório *Woods Bagot*.

No cenário atual, este coletivo atuante de profissionais tem se destacado no âmbito da inovação em *design*, arquitetura e urbanismo, pois coloca as pessoas no centro do processo e tem como visão a ideia de integração.



SARAH KAY

Interiores de espaços de trabalho;



MARK DAMANT

Arquitetura de espaços de trabalho;



SARAH BALL

Projetos educacionais.

Fig. 1: Profissionais responsáveis pelos projetos analisados neste artigo.

Fonte: www.woodsbagot.com

A empresa forma uma rede, contando com uma equipe de mais de 1000 pessoas em 17 estúdios na Austrália, Ásia, Oriente Médio, Europa e América do Norte e tem como princípios norteadores a curiosidade ilimitada, o desenho computacional baseado na análise de comportamento de pessoas² e supertipologias³.

Para a empresa, o foco do design deve ser voltado para uma experiência centrada no ser humano. A iniciativa está transformando o cenário no setor de arquitetura, pois desenvolver novas tipologias espaciais permite que locais físicos de colaboração, interação, criação e conexão correspondam à experiência de redes criativas em ambientes digitais.

Woods Bagot⁴ trabalha de forma colaborativa entre seus estúdios e lança mão de arrojada tecnologia para compartilhar design inteligente, fortalecer sua base de conhecimento no mundo e desenvolver novas maneiras de pensar e projetar espaços. Neste artigo elencam-se quatro projetos de interiores de Wood Bagot: Estúdio Brisbane e a nova sede australiana da Fujitsu em ambientes de trabalho e em ambientes de ensino, o MUSE e a Biblioteca Raheen também na Austrália.

AMBIENTES DE TRABALHO - interiores para negociar

A nova sede para a Apple (fig.2) foi uma encomenda que Steve Jobs fez antes de sua morte. Projetada pelo arquiteto Norman Foster, tem formato circular semelhante a um anel e capacidade para 13 mil funcionários, em Cupertino na Califórnia. Diante do desafio, as preocupações se resumiam a integração visual com a natureza, reutilização da água da chuva para manter o verde, sistema de ventilação natural para reduzir a utilização do ar condicionado e geração de energia elétrica para manter todo edifício.⁵

Em março de 2016, foi inaugurada a nova sede do Facebook (fig.2), projetada pelo arquiteto Frank Gehry, em Menlo Park, Califórnia. Esta busca conectar os 2.800 funcionários em um imenso escritório aberto, assim como faz a rede social. Para Mark Zuckerberg, fundador do Facebook, a lógica é simples: indivíduos que colaboram são criativos. Consequentemente todas as fronteiras devem desaparecer.⁶

Já a Google, para sua nova sede (fig. 2), em Mountainview também na Califórnia, contratou dois escritórios de arquitetura, Bjarke Ingels Group, o BIG, e Heatherwick Studio para, em parceria, criarem um espaço inovador que inspirasse os funcionários da Google a projetar, inventar e fazer ideias acontecerem. As diretrizes para a nova sede aliam a sustentabilidade e proteção do habitat natural dos animais selvagens, bem como visam restabelecer os cursos d'água, lagos, pontes, ciclovias e árvores.⁷



Fig. 2: Projetos para as novas sedes da Apple, Facebook e Google.
Fonte: google imagens

Todos estes exemplos de planos refletem o domínio digital e expressam a supremacia econômica que o Vale do Silício e seus líderes afirmam. Mas, trata-se de uma mudança cultural que não se resume ao Vale do Silício. Tais mudanças estão ocorrendo em todo o mundo. Empresas como estas têm surgido no Brasil, obviamente que com menor visibilidade e com um faturamento menos expressivo. São empresas que também estão passando por um processo de reinvenção como, por exemplo, a Nubank, o Banco Original, entre muitas outras que nascem com uma proposta colaborativa, menos hierarquizada, quebrando padrões verticais de organização e buscando relações horizontais.

A Nubank foi fundada em 2013 e três anos depois, atualmente, possui uma lista de espera de 4.000 pessoas para trabalharem na empresa. É um fator que instiga as pessoas a conhecerem a "sede roxa" de São Paulo. O que se percebe é que há alguns segmentos ligados à economia criativa, ligados às startups, ligados a uma economia mais jovem, revolucionando padrões já consolidados e a tendência é que, com o tempo, reflita no mercado. As pessoas começam a se questionar: "Por que aquela empresa é mais atrativa para trabalhar? Por que ela faz tanto sucesso?" E isso serve de modelo para as empresas tradicionais, que podem estar perdendo espaço na economia na qual estão inseridas.

Inovar é um imperativo para o mercado econômico e por isso é tão importante promover a criatividade dos colaboradores e apoiar o processo que a transforma em inovação. As práticas colaborativas propõem desafios de articulações entre pessoal e institucional. Sendo assim, busca-se integrar ambientes e facilitar as trocas entre as pessoas já que a colaboração ocorre de forma espontânea. É fundamental que as empresas estabeleçam uma cultura de interação entre profissionais para a rentabilização do capital intelectual como forma de alavancar resultados.

Para tal, políticas tecnológicas e de recursos humanos, cultura corporativa e ambiente interno dos escritórios são fatores que podem gerar um importante impacto na produtividade e na satisfação dos funcionários. O modelo anterior de arquitetura não conseguiu manter-se à frente das necessidades das cidades por não considerar a experiência pessoal. Os atuais princípios do mercado econômico de desenvolvimento priorizam o bem

estar, a saúde do indivíduo e espaços que ofereçam vivências de valor e únicas.

A sociedade atual, tal como revelam as notícias sobre política e economia, exige ambientes que permitam maior participação e opinião. Dessa forma, abre-se um campo para a arquitetura e design de interiores, que exige um profissional ágil e preparado para atender a estas necessidades, transformando o ideal conceitual de uma empresa em ambientes de trabalho e negócios de sucesso.

1. ESTÚDIO BRISBANE

O caso do Estúdio Brisbane, inserido no contexto supracitado, revela um espaço sustentável e colaborativo para 55 profissionais criativos. O estúdio foi relocado para um antigo edifício em frente à Praça Rei George, distrito financeiro da cidade de Brisbane na Austrália, enfatizando a participação e conexão com o exterior.

Para Mark Damant (fig.1), diretor do estúdio, o desenho do projeto deveria fomentar a transparência desde a recepção até os espaços de trabalho. Também teria de ser convidativo para os visitantes do lugar e permitir que todos vissem como funcionariam as equipes de trabalho. Damant (2015) completa:

“Colaboração é fundamental para um estúdio de desenho. As áreas comuns abertas são apoiadas por uma série de bancadas de trabalho que permitem aos nossos designers escolher um espaço apropriado para cada tarefa.”

O projeto de Woods Bagot para o estúdio Brisbane foi finalista no Prêmio Internacional Green Interior 2015⁸ na categoria de escritórios e também no Prêmio Interior Design Excellence 2015, para o espaço de trabalho com menos de 1000 m².⁹ No edifício de 1960, os materiais estruturais originais foram mantidos. Madeiras sólidas foram utilizadas em todo o estúdio, inclusive nas bancadas de trabalho. A luz natural invade o interior por meio de uma fachada envidraçada (figura 1 e 2).



Fig. 3: Fachada do edifício de 1960.
Fonte: www.archdaily.com.br

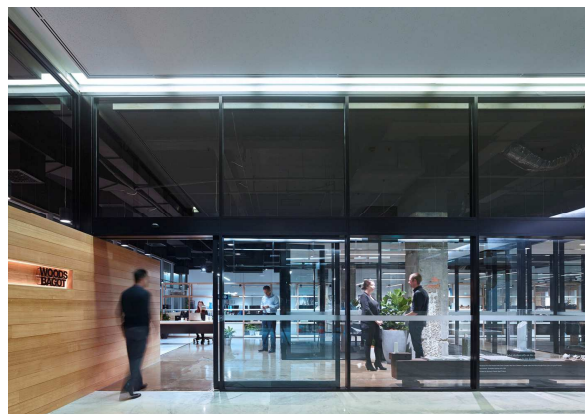


Fig. 4: O acesso ao estúdio Brisbane.
Fonte: www.archdaily.com.br

A partir do zoneamento da planta baixa do Estúdio Brisbane (fig. 5) é possível identificar quatro usos distintos: espaços para reuniões, área de trabalho colaborativo, espaço de convivência e a copa.



Fig. 5: Planta baixa, editada pela autora.

Fonte: www.archdaily.com.br

- Espaços para reuniões;
- Área de trabalho colaborativo mais influente;
- Espaço de convivência;
- Copa.

O espaço colaborativo mais influente, demarcado em verde (fig. 5) corresponde às estações de trabalho do estúdio. A faixa de convivência dos funcionários dá suporte às estações de trabalho porque possibilita alternativas extras de usos conforme momento do dia e o tipo de tarefa. Já os espaços de reuniões, apresentam-se mais isolados, em virtude da sua necessidade funcional para apresentações a grupos ou negociações mais privadas. Por fim, a copa, além de espaço de serviço atua como a extensão da cozinha, de característica doméstica, onde é possível permanecer no local de trabalho sem se deslocar para refeições.

A área colaborativa mais influente (fig. 6), destinada às estações de trabalho do estúdio, conforma um grande retângulo que encontra seus limites à esquerda pela parede longitudinal do edifício, acima e à direita por estantes de madeira que apoiam materiais e abaixo pela troca de piso, que marca este setor.

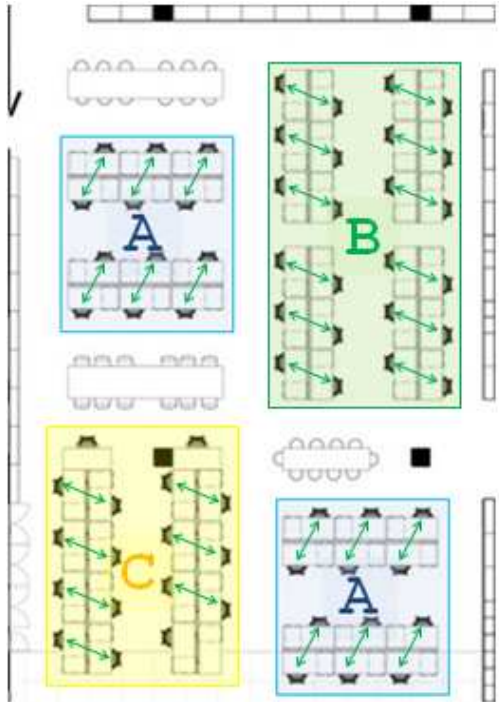


Fig. 6: Planta baixa editada pela autora.
Fonte: Arquivo pessoal.

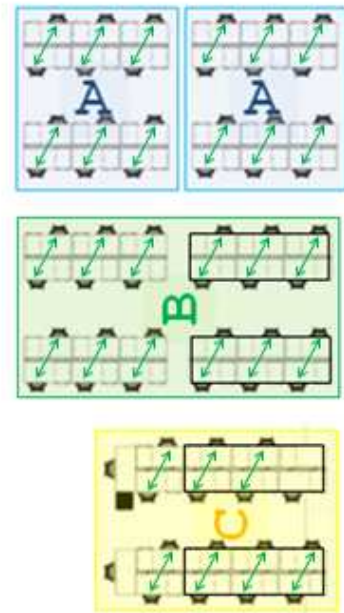


Fig. 7: Modulação de mobiliário.
Fonte: Arquivo pessoal.

Este núcleo central abriga o mobiliário para estações de trabalho. Conforme a análise é possível identificar os módulos A, B, C e D, na organização do layout deste espaço. O módulo A é formado por duas bancadas que comportam seis funcionários cada. As bancadas estão dispostas paralelamente. O módulo B se dispõe perpendicular ao A e é composto pela duplicação do primeiro, como mostra a fig. 7. Em C nota-se a mesma direção seguida em B, mas com acréscimo de estações individuais de trabalho na extremidade, formando uma tipologia um pouco diferente das demais. Tal organização permite que os profissionais se enxerguem e se comuniquem, já que a forma que foram dispostos, diagonalmente uns aos outros, impede que os seus computadores escondam o colega à sua frente.

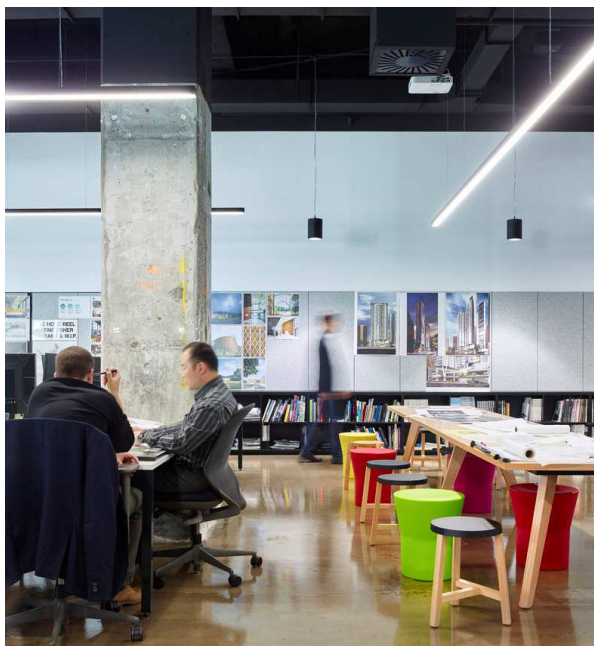


Fig. 8: Área de trabalho colaborativo.
Fonte: www.archdaily.com.br

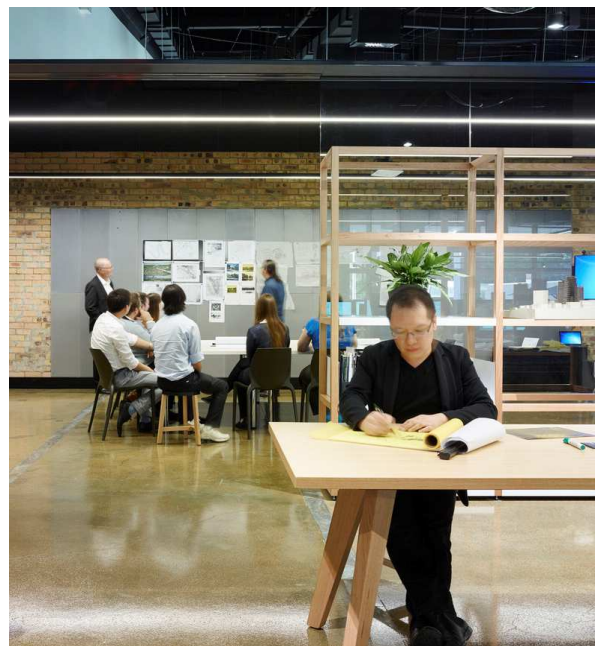


Fig. 9: Área de trabalho colaborativo.
Fonte: www.archdaily.com.br

Entre as estações de trabalho foram utilizadas outras mesas com características diferentes do mobiliário padrão das estações. Elas dão suporte à zona de trabalho, por trazer diversas possibilidades de uso aos funcionários do estúdio, tal como discussões de projetos ou nova criação (fig. 8 e 9).

Observa-se o tratamento que foi dado para diferenciar a estrutura pré-existente do edifício e o que foi modificado, sendo que o pilar em concreto aparente, o piso em concreto polido e a parede de tijolos à vista contrastam positivamente com os painéis branco fosco e cinza brilhante que revestem as paredes para exposição (fig. 8 e 9).

O pé direito duplo foi mantido com as instalações e tubulações à mostra, gerando um ar industrial. A fachada foi refeita para receber o estúdio, e com isso ganhou-se, em ampliação, a faixa linear que acomoda o espaço de convivência (fig. 3). Para marcar esta intervenção foi usado piso regular em mármore branco polido (fig. 10 e 11).

O mobiliário, produzido pela carpintaria local, foi feito em madeira natural, sempre contemporânea nos interiores, compondo com detalhes pintados em preto fosco e outros pintados em branco. As estantes divisórias de madeira exibem a cor natural do material (fig. 9 e 12), tendo desenho regular e simples, apenas como uma grelha aberta. Esse mobiliário cumpre a sua função de ser divisor, mas garante a integração dos ambientes e a setorização dos espaços.

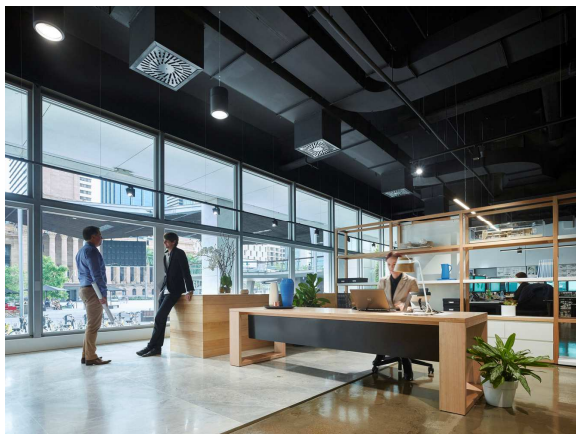


Fig. 10: Pisos marcam usos diferentes.
Fonte: www.archdaily.com.br



Fig. 11: Piso marca intervenção da fachada.
Fonte: www.archdaily.com.br

A alternância entre tipologias de mobiliário é suficiente para trazer a descontração e a informalidade que deve fazer parte dos espaços criativos. Percebe-se que o mobiliário repete alguns padrões compositivos (fig. 12): Os bancos têm três pés intertravados por um 'T' em madeira cor natural e o assento circular é descentralizado, ora pintado em preto fosco, ora ao natural. Este modelo foi utilizado em duas alturas sendo uma para bancada alta e outra para mesa de trabalho de altura convencional. Outro modelo de banco de madeira também é tripé, mas com pés por fora que possibilitam o encaixe do assento. Um terceiro exemplar de banco faz contraponto com os outros dois anteriores: Trazem o lúdico para o ambiente com cores vibrantes e textura que lembra brinquedo. São utilizados nas bancadas de trabalho informal já que o tempo de trabalho nestas áreas é menor que nas estações principais.

Para as estações de trabalho principais a escolha foi utilizar cadeiras com rodízios, que têm boa ergonomia e ajuste de alturas. Ainda na fig. 12

percebe-se que as mesas também trazem a madeira natural como materialidade e tampos finos conferem elegância a este mobiliário. As mesas utilizadas nas áreas de colaboração de ideias têm quatro pés estilo palito enquanto o outro padrão recorrente tem fechamento quadrado, um em cada extremidade.



Fig. 12: Mobiliário utilizado no Estúdio Brisbane.
Fonte: Editado pela autora.



Fig. 13: Paleta de cores predominantes no estúdio Brisbane.
Fonte: Editado pela autora.

Conforme fig. 8 e 12, as cores vibrantes foram utilizadas em pequenos pontos e apenas no mobiliário solto, ou seja, banquetas, bancos, entre outros que podem ser facilmente deslocados e repostos. Em contraponto aos

pontos coloridos, a paleta de cores que predomina no espaço é composta por matizes neutros e tons de cinza, que vão do preto ao branco (fig. 13). O aconchego que o ambiente proporciona se dá pela escala de tons de marrom presente na madeira do mobiliário e também no piso de concreto polido.

Ressalta-se que a relevância deste caso está em privilegiar os aspectos importantes para os ambientes colaborativos ao propor um *layout* que derrube barreiras físicas, lançando mão de recursos sustentáveis e informais, pois pessoas criativas, que passam muito tempo no computador, têm sua produtividade aumentada quando estão em um ambiente dinâmico.

2. FUJITSU

Outro exemplo que retrata ambientes inovadores empresariais para trabalho e negócios é a nova sede da japonesa Fujitsu na Oceania em Sydney, que tem aproximadamente 9.000 m² oferecendo um local de trabalho conectado e focado em seus clientes e funcionários.

O projeto alia a busca pela conexão e a integração da empresa. A criação de diversos espaços de trabalho baseados em tarefas permite aos funcionários da empresa escolher onde querem trabalhar sem mesas atribuídas. Os denominados 'espaços de colisão' (em amarelo nas fig. 16, 19 e 24) foram criados onde esses pontos de trabalho se cruzam, incentivando os funcionários a se envolverem uns com os outros enquanto ajudam a alcançar os resultados esperados pela empresa.



Fig. 14: Parte da fachada da nova sede.
Fonte: www.archdaily.com



Fig. 15: Recepção da sede da Fujitsu.
Fonte: www.archdaily.com

O trabalho ágil se concentra no gerenciamento orientado a resultados, incorporando a tecnologia em espaços de reunião e incentivando o pessoal a adotar práticas de trabalho flexíveis (marcações em azul nas fig. 16, 19 e 24). Zonas de vizinhança em cada andar incluem pontos de trabalho *sit-to-stand*, espaços silenciosos para trabalho concentrado (fig. 18) e zonas interativas para projetos de equipe colaborativa (marcação em verde, fig. 16, 19 e 24).

Destacando a experiência do cliente e o envolvimento da comunidade, o projeto procura criar um ambiente de trabalho rico em tecnologia que se conecta aos seus funcionários e está claramente alinhado aos principais atributos de negócios da Fujitsu.¹⁰

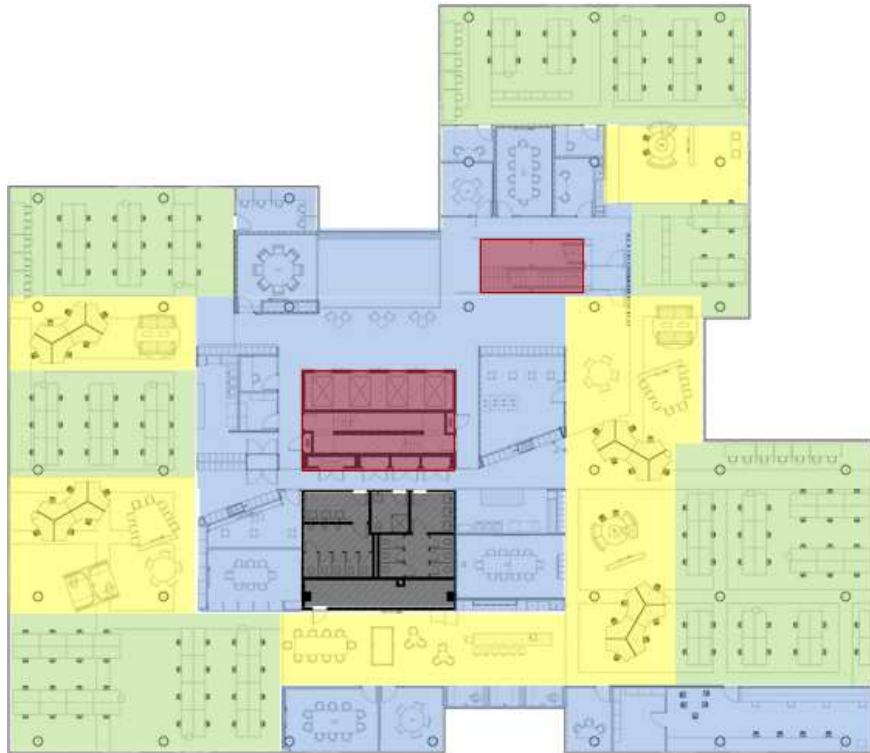


Fig. 16: Planta baixa do primeiro pavimento editada pela autora.

Fonte: www.archdaily.com

- Salas privativas, de reuniões e de setor;
- Área de trabalho colaborativo;
- Espaço de colisão para colaboração;
- Copa, área de lazer e convivência;
- Circulação vertical;
- Sanitários.

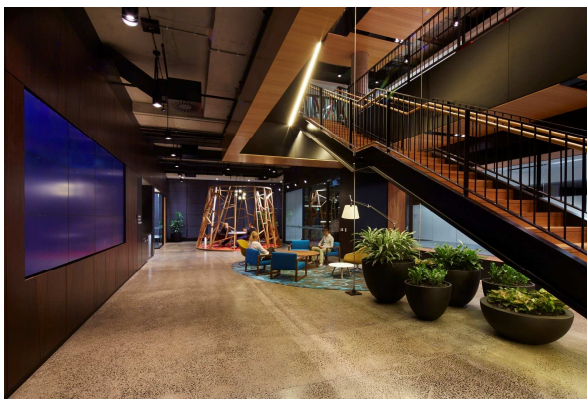


Fig.17: A escada como elemento arquitetônico.

Fonte: www.archdaily.com



Fig. 18: A escada promove a integração. Fonte:

Fonte: www.archdaily.com

A escada central, que liga os cinco andares da Fujitsu constrói um senso de comunidade em torno de pontos de circulação e entorno da copa criando conexão entre todos os pavimentos.

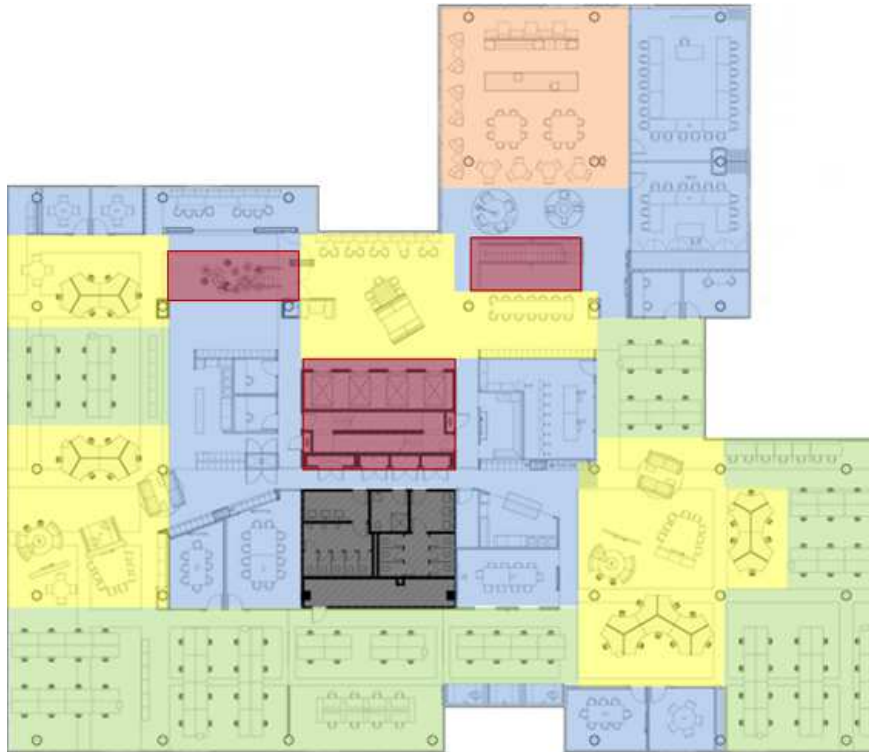


Fig. 19: Planta baixa do segundo pavimento editada pela autora.

Fonte: www.archdaily.com

- Salas privativas, de reuniões e de setor;
- Área de trabalho colaborativo;
- Espaço de colisão para colaboração;
- Copa, área de lazer e convivência;
- Circulação vertical;
- Sanitários.

Ao analisar como se dão os zoneamentos de usos nas plantas baixas (fig. 16, 19 e 24) fica mais claro o entendimento sobre como foi organizada a estrutura funcional da Fujitsu. Espaços para trabalho colaborativo, concluem-se dois, marcados em verde e amarelo. Em verde, são as estações de trabalho que os funcionários escolhem trabalhar, e em amarelo são os ambientes que formam os espaços de colisão para colaboração, que se caracterizam pelo mobiliário dinâmico e informal (fig. 20 e 25), são os ambientes colaborativos mais influentes, justamente por terem sido criados com este propósito.

Motivos gráficos "dobrados" como origami, padrões tradicionais de impressão de blocos e camadas tonal de madeiras foram usados como sutis referências à herança da cultura japonesa. A marcenaria de qualidade, incluindo a mesa da recepção em madeira empilhada e formas orgânicas com gráficos inspirados em pixel criam uma forte identidade visual em todo o espaço da Fujitsu. Para as salas de reuniões, usadas com clientes, foi usado o carvalho defumado, enquanto o carvalho entre outras madeiras de tom claro conectam pontos de circulação e áreas públicas.



Fig. 20: Parte do espaço de colisão.
Fonte: www.indesignlive.com

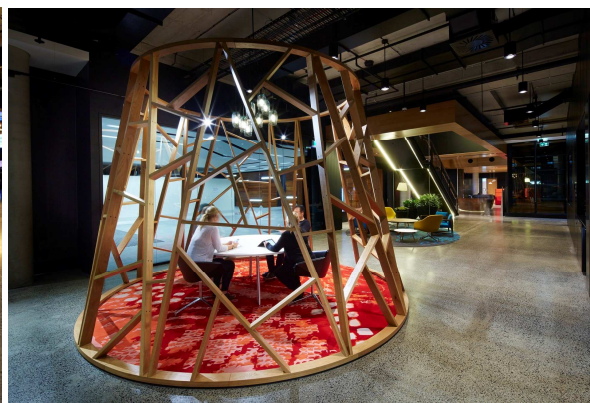


Fig. 21: "Gaiolas" para reuniões.
Fonte: www.indesignlive.com

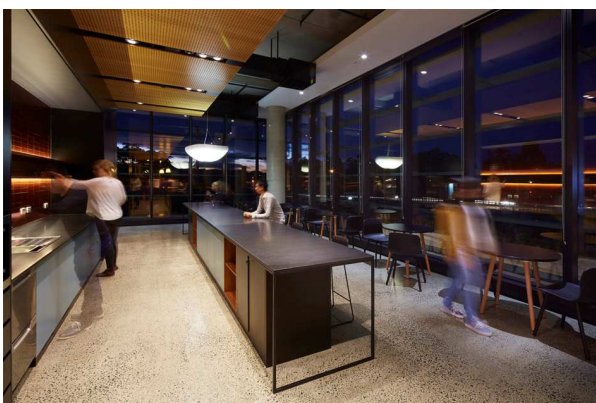


Fig. 22: Copa do segundo pavimento.
Fonte: www.idea-awards.com.au

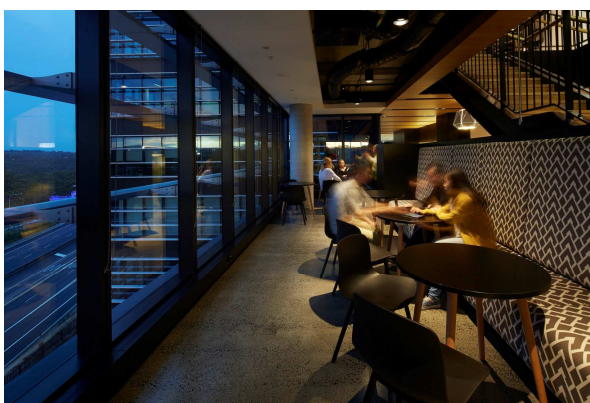


Fig. 23: Área de lazer e convivência.
Fonte: www.idea-awards.com.au

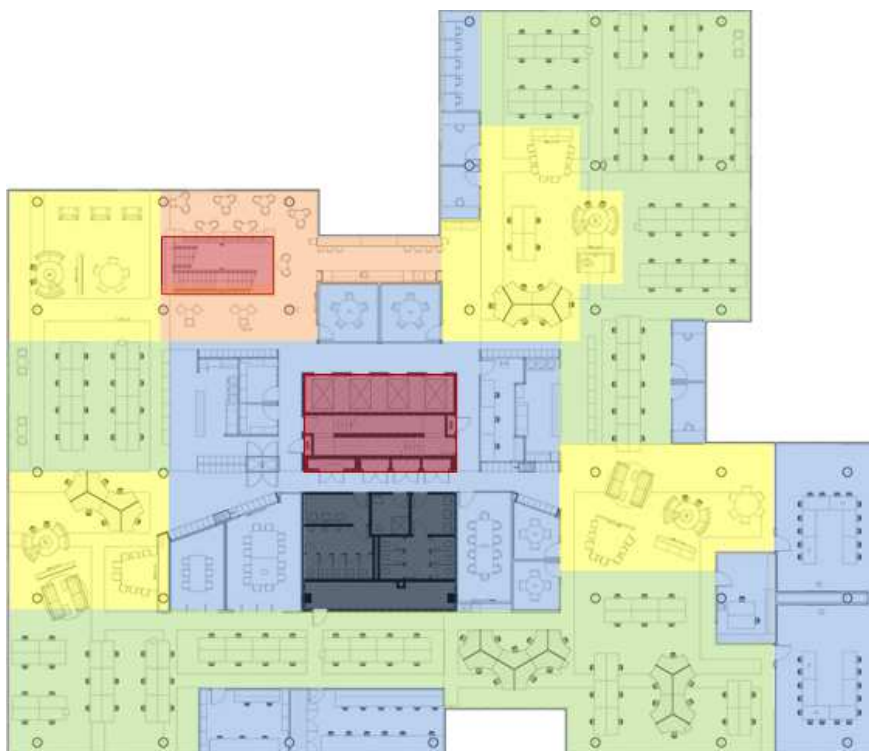


Fig. 24: Planta baixa do terceiro pavimento editada pela autora.
Fonte: www.archdaily.com

- Salas privativas, de reuniões e de setor;
- Área de trabalho colaborativo;
- Espaço de colisão para colaboração;
- Copa, área de lazer e convivência;
- Circulação vertical;
- Sanitários.

O mobiliário utilizado na sede da Fujitsu alia características domésticas aos espaços, como por exemplo, o ambiente composto por sofás, mesa e luminária de cúpula na área de colisão, ou como nas copas, em que as bancadas têm o mesmo desenho com fechamento em quadro e tampo esbelto (fig. 25). As mesas de tampo fino na cor preta têm pé palito em madeira natural, mas o formato do tampo varia conforme o uso: circular para área de copa e retangular para área de colisão. Outra característica que pode ser percebida é a mesa que tem fechamento quadrado recuado e tampo um pouco mais espesso.

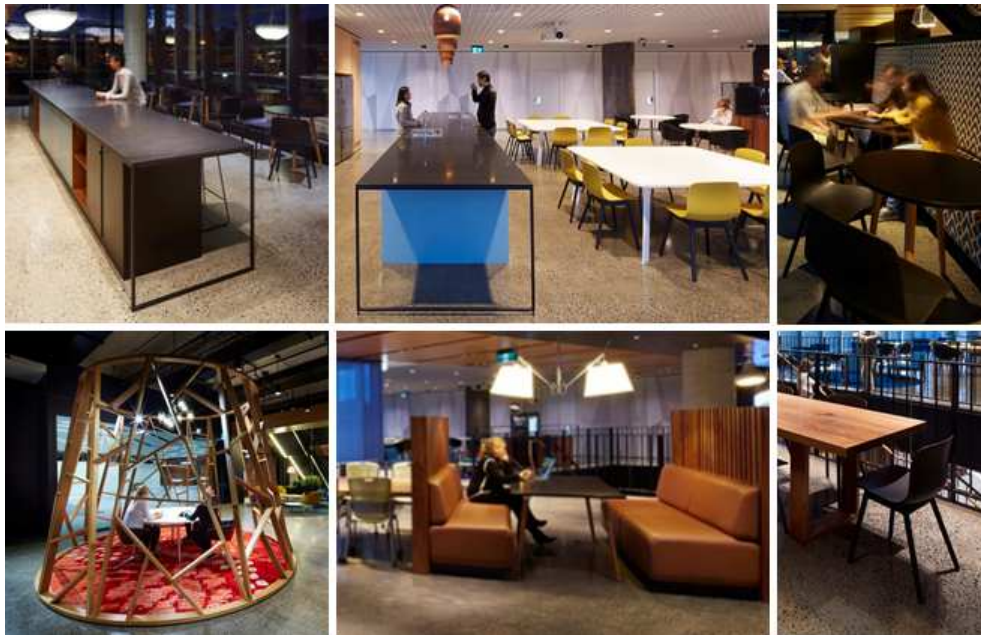


Fig. 25: Mobiliário utilizado na sede da Fujitsu.
Fonte: editado pela autora.

A paleta de cores predominantes remete a uma sensível mistura de matizes terrosos com as cores das madeiras, a presença do preto nos detalhes, do branco no forro, do cinza no piso e do vermelho na logomarca e detalhes, como objetos. Essas referências acarretam em ambientes convidativos e harmoniosos que traduzem o próprio conceito forte da marca.



Fig. 26: Paleta de cores usada na sede da Fujitsu.
Fonte: Editado pela autora.

AMBIENTES DE ENSINO - interiores para aprender

As pessoas se transformam à medida que a sociedade muda e vice-versa. Nesse aspecto, se o ambiente de trabalho está sendo transformado, conseqüentemente o ambiente em que se formam esses profissionais também devem ser revisados. No contexto educacional nota-se que devido ao perfil dos estudantes contemporâneos, novas metodologias ganharam força e visibilidade. Na era digital, em que muitos estudantes possuem múltiplos dispositivos de comunicação e fácil acesso ao conhecimento, o ensino tradicional, na sala de aula com estudantes passivos, se mostra um modelo ultrapassado.

Cada vez mais a mídia divulga escolas de ensino básico e superior que buscam ensinar além de fórmulas e teorias, incentivando a criatividade dos alunos e visando a aprendizagem significativa¹¹. Nesses, os ambientes de ensino devem preocupar-se em inspirar essa criatividade porque no mercado de trabalho esses estudantes terão a necessidade de inovar, de resolver problemas complexos e de empreender. E para empreender é necessário ser criativo. Moreira (2011, p.32) diz:

“Para Ausubel, o ser humano tem a grande capacidade de aprender sem ter que descobrir. (...) É a existência de uma estrutura cognitiva prévia adequada (...) que vai permitir a aprendizagem significativa (...).

Na ótica vygotskyana, a internalização de significados depende da interação social, mas, assim como na visão ausubeliana, (...) Ele se apropria (reconstrói internamente) dessas construções via interação social.”

Conforme Faria e Troncarelli, (2014), a aprendizagem colaborativa¹² é um modelo que tem se mostrado ser efetivo em aumentar o nível acadêmico dos estudantes e em desenvolver habilidades de trabalho em grupo. O papel do professor também deve ser reinventado. O processo exige que ele saia do centro da atenção, para que os alunos construam o conhecimento a partir de uma troca constante de informações, construída com pontos de vista diferentes, questionamentos, resoluções de questões e avaliações contínuas.

Neste cenário, as universidades assumem um novo papel na formação do aluno. Para Capitani¹³, (2016), no mercado de trabalho, ganha destaque aquele profissional que tem maior capacidade de adaptação, maior criatividade, pró-atividade, aqueles que possuem uma visão mais holística, maior capacidade em trabalhar em grupo, discutir e defender ideias. Isso tudo requer que a universidade repense sua forma de ensino e aliado a isso, os ambientes onde o conhecimento é construído junto ao estudante.

Para isso, Kowaltowski,(2011) diz que o ambiente de ensino deve compor um todo coerente, pois é nele e a partir dele que são desenvolvidas práticas pedagógicas. Ele pode constituir um espaço de grandes possibilidades, de inclusão, de inspiração, de criatividade e de inovação. É fundamental que a arquitetura de interiores acompanhe as mudanças pedagógicas no ensino para complementar a experiência do aluno. Reforça-se que a maneira como o espaço é concebido e organizado interfere diretamente na aprendizagem.

O conforto ambiental, em todos os seus aspectos - térmicos, lumínicos, acústicos e funcionais - influencia no desempenho dos estudantes. Por exemplo, salas de aula sem iluminação natural e ventilação adequada podem gerar cansaço nos alunos. Ambientes com problema de acústica também dificultam o aprendizado. Em sua obra, ela defende a tese de que a formação do aluno depende não apenas do professor e do material didático, mas também do espaço que ele frequenta (KOWALTOWISKI, 2011).

Tendo em vista o exposto, é no ambiente de ensino e aprendizagem que novos conhecimentos devem ser produzidos por meio da relação interpessoal para além de conteúdos. A arquitetura, nesse aspecto, pode contribuir para que este objetivo funcione, e possa fomentar as metodologias ativas bem como a formação crítica e transformadora do jovem contemporâneo, futuro profissional. Para Patrícia Lupion Torres, Paulo R. Alcantara e Esrom Adriano Freitas Irala (2004):

"Espera-se que o planejamento cuidadoso de todas as atividades de tal proposta possa provocar rupturas, desafiando os educandos e levando-os a formar uma comunidade de aprendizagem coesiva e reflexiva, cujos membros trabalhem para alcançar objetivos comuns enquanto respeitam a diversidade de ideias, valores, crenças e estilos de vida uns dos outros."¹⁴



Fig. 27: Ilustração que faz alusão aos novos comportamentos.

Fonte: google imagens.

1. MUSE

Outro caso interessante que vai de encontro ao objetivo central desta pesquisa é um espaço para estudantes temporários que foi inserido em um edifício brutalista que estava vago na Universidade Macquarie em Sydney. MUSE busca incentivar a interação entre aluno e aprendizagem colaborativa, bem como a melhoria na vivência educacional, social, intelectual e cultural dos alunos.

Para atender às necessidades de um aluno mais conectado, o projeto busca um espaço dinâmico, fluido de aprendizagem e colaboração com paredes e iluminação executadas em faixas. O espaço usa materiais reciclados para transformar os ambientes e revigorar o edifício existente.



Fig. 28: Acesso ao MUSE.
Fonte: www.archdaily.com

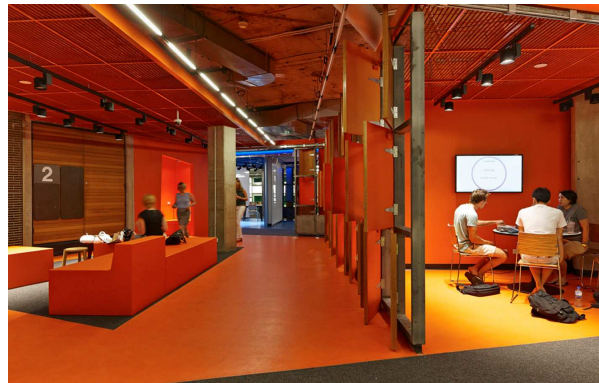


Fig. 29: Cores vibrantes revestem os espaços.
Fonte: www.archdaily.com

Centrado na ideia de que a aprendizagem ocorre em algum lugar entre a zona de pânico e a zona de conforto, o projeto cria um espaço agitado que promove a aprendizagem de forma criativa. O resultado é um ambiente dinâmico usado para atividades em grupo ou individual onde os alunos têm a oportunidade de experimentar o espaço através de diferentes configurações.

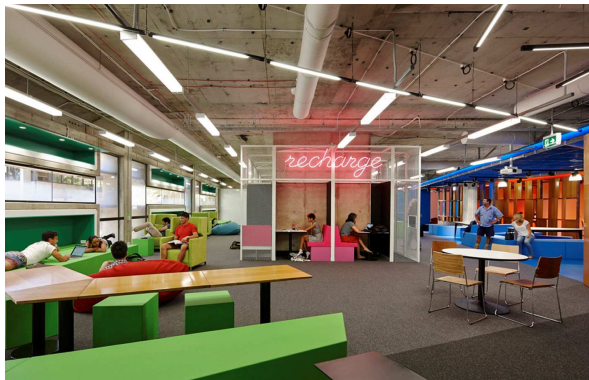


Fig. 30: Mobiliário modular emborrachado.
Fonte: www.archdaily.com



Fig. 31: Espaço azul para aprendizagem.
Fonte: www.archdaily.com

Pensando nisso a equipe de projeto criou um mobiliário modular (fig. 30) que é capaz de ser usado de diferentes maneiras. Eles podem ser desmontados e remontados de acordo com as configurações que os estudantes preferirem. Mesas e cadeiras em madeira natural viram pontos focais dentro de um ambiente de cor sólida intensa e vibrante, como na fig. 31. Mas o espaço toma forma e se transforma com o mobiliário colorido, feito de material emborrachado e desenho característico de formas sólidas, que lembram peças de jogos infantis (fig.32 e 33).

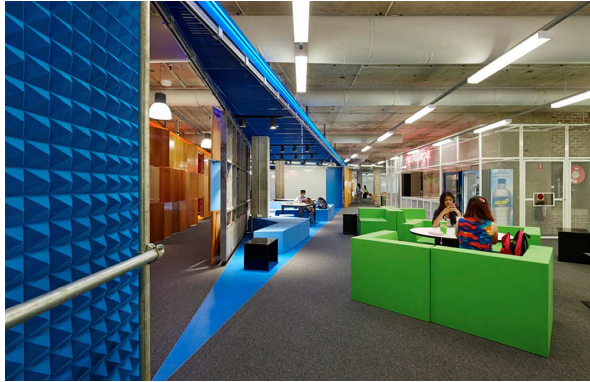


Fig. 32: Ambientes integrados.
 Fonte: www.archdaily.com



Fig. 33: Estrutura e instalações aparentes.
 Fonte: www.archdaily.com



Fig. 34: Planta baixa do MUSE.
 Fonte: www.archdaily.com

A materialidade revela a estrutura do edifício e lança mão de elementos reciclados, e coloridos. Estruturas em concreto (fig. 30 e 33), computadores de mesa, persianas e as portas de armários de serviço receberam vida nova. Tampos de centenas de mesas antigas viraram "brises" móveis, elementos utilizados em todo projeto (fig. 28, 29 e 35).¹⁵



Fig. 35: Tampos de mesas viraram "brises".
 Fonte: www.archdaily.com



Fig. 36: Diferentes configurações de espaços.
 Fonte: www.archdaily.com

Os espaços foram gerados a partir de faixas traçadas em diferentes ângulos que atravessam de uma extremidade a outra do edifício dando forma às circulações, acessos e ambientes, como mostra a fig. 34. O projeto do MUSE foi configurado de forma que um ambiente apoia o outro e se torna ainda mais colaborativo por não hierarquizar um ambiente ou outro. É interessante observar como ganham força pela integração entre eles. E devem ser percebidos e utilizados desta forma.



Fig. 37: Mobiliário utilizado no MUSE.
 Fonte: editado pela autora.

O mobiliário aparece de forma diversificada no MUSE. O banco em madeira natural com três pés que tem o assento circular encaixado reaparece (o mesmo modelo foi usado no Estúdio Brisbane), bem como a mesa, que revela a cor natural do material, desta vez com a espessura do tampo marcada em preto fosco. A mesa, com fechamento quadrado também foi usada no Estúdio Brisbane. Para os ambientes de maior permanência dos estudantes existe a preocupação em oferecer cadeiras ergonômicas, com rodízio e estofadas. É recorrente neste projeto o uso de mobília emborrachada e colorida enriquecendo o cenário do MUSE. A mesa circular de pé central estabilizada por um disco e tampo circular branco faz conjunto com as cadeiras de encosto e assento em madeira natural estruturadas em metal esbelto e contorno reto. Os rodízios foram usados para facilitar os deslocamentos de

móveis e aparece em uma mesa de tampo fino branco estruturado por quatro pés em preto. Pufes de tecido têm aparência fofo e poltronas estofadas com tecidos resistentes foram dispostos nas áreas de colaboração, possibilitando que os alunos se apropriem do espaço como se estivessem em casa.



Fig. 38: Paleta de cores predominantes em MUSE.
Fonte: Editado pela autora.

Aliada à atmosfera lúdica, a paleta de cores (fig. 38) predominantes neste projeto é composta por cores vibrantes que se apropriam do espaço desde o piso até paredes e mobiliário, e mesmo com o colorido intenso os ambientes são instigantes, convidativos, cativantes. Tal combinação é a ponte para a criatividade, muito bem vinda. A madeira natural faz o contraponto trazendo aconchego a todos os espaços.

O projeto de Woods Bagot para o Muse é um exemplo inspirador de ambientes inovadores de ensino e aprendizagem, além de sustentável e de ser dono de uma arquitetura de qualidade.

2. BIBLIOTECA RAHEEN DA UNIVERSIDADE CATÓLICA AUSTRALIANA (ACU)

A Biblioteca Raheen é um bom caso de estudo para este artigo porque enfoca aspectos importantes para a aprendizagem colaborativa. Foi reformada para atender ao aumento do número de estudantes na Universidade Católica Australiana (ACU), campus de Sant Patrick em Melbourne. A ideia foi criar uma biblioteca com ambiente inspirador, agradável e favorável à aprendizagem.

Ao edifício de dois pavimentos, projetado em 2002 por *Woods Bagot*, foi adicionado um terceiro pavimento, que combinado aos outros dois existentes,

reconfigura o espaço com ambientes informais de aprendizagem colaborativa, áreas de trabalho privativas e salas de leitura.

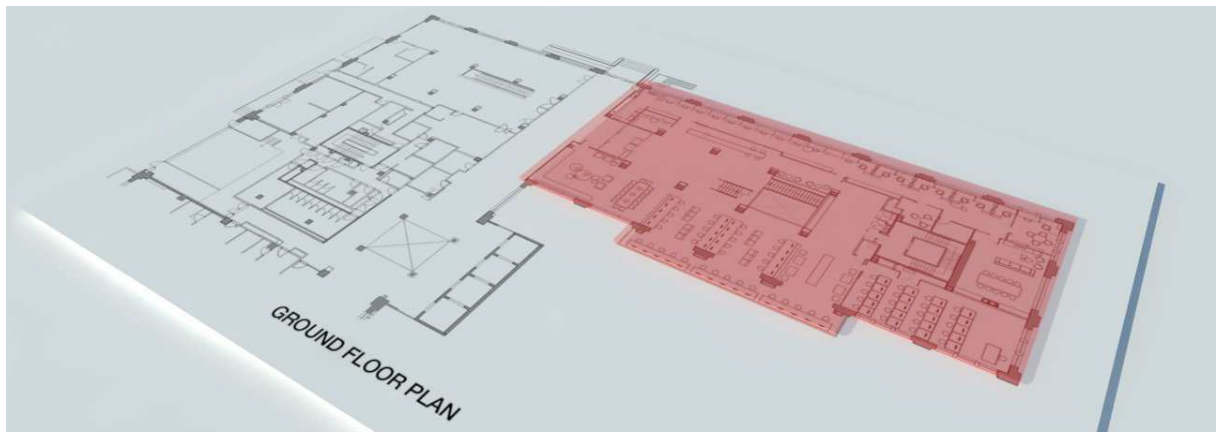


Fig. 39: Planta baixa pavimento térreo do edifício.
Fonte: Editada pela autora.



Fig. 40: Planta baixa do segundo pavimento do edifício.
Fonte: Editado pela autora.

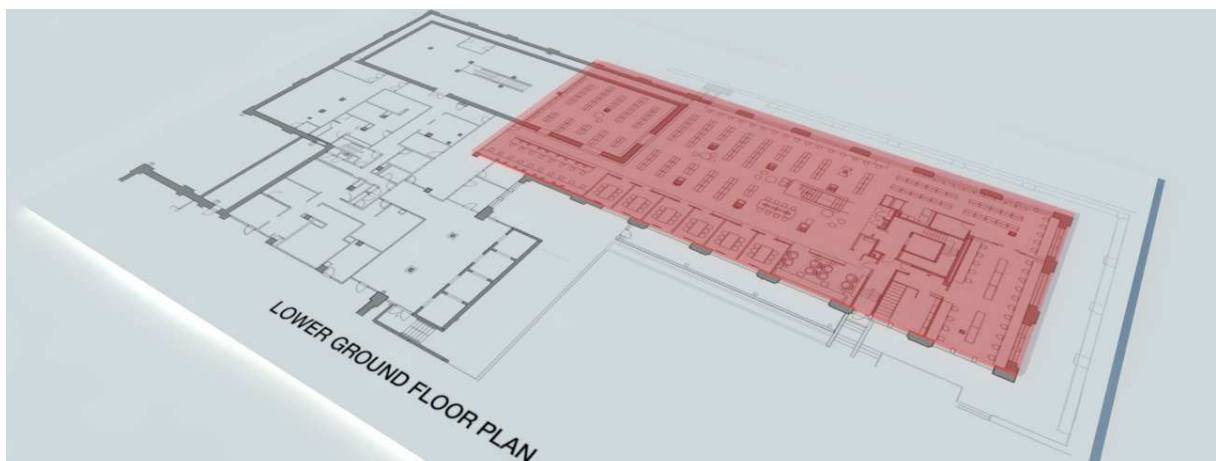


Fig. 41: Planta baixa do subsolo do edifício.
Fonte: Editada pela autora.

O acesso à biblioteca se dá pelo interior do edifício no térreo (fig. 39). Neste pavimento está inserida a recepção, a área de trabalho dos funcionários da biblioteca e ambiente de estudo. O segundo pavimento (fig. 40) ocupa uma área ainda maior do edifício e organiza grande parte do acervo literário entre áreas de pesquisa, ambientes confortáveis e

domésticos e ambientes privativos de estudo. O subsolo (fig. 41) foi reservado para uma coleção específica de livros e uma área reduzida de trabalho.

Alinhado ao novo conceito, o projeto oferece arranjos variados com móveis fixos e soltos, trazendo cores brilhantes e iluminação apropriada ao ambiente. A materialidade do espaço foi inspirada nos livros, referenciando texturas de papel, dobras, costuras, desenhos e origamis.¹⁶

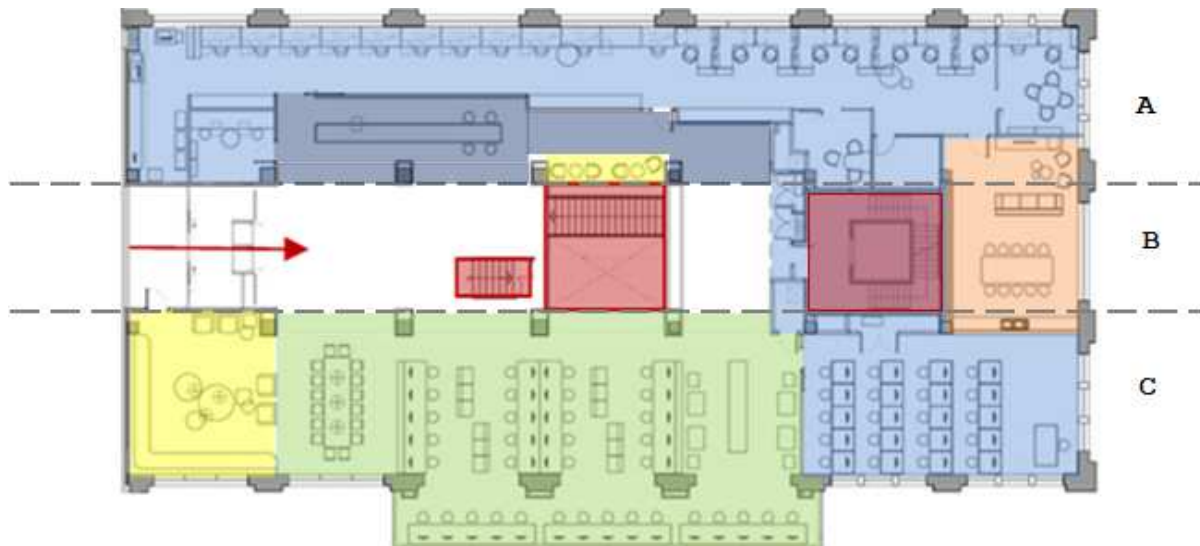


Fig. 42: Planta baixa do pavimento térreo da Biblioteca Raheen.
Fonte: Editado pela autora.

- Ambientes com mobiliário doméstico;
- Áreas de trabalho colaborativo;
- Circulação vertical;
- Áreas de trabalho privativas;
- Copa;
- Recepção | Acervo literário.

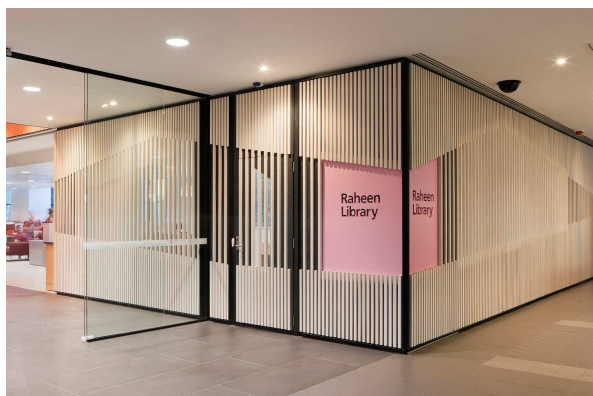


Fig. 43: Acesso à Biblioteca Raheen.
Fonte: www.archdaily.com.br

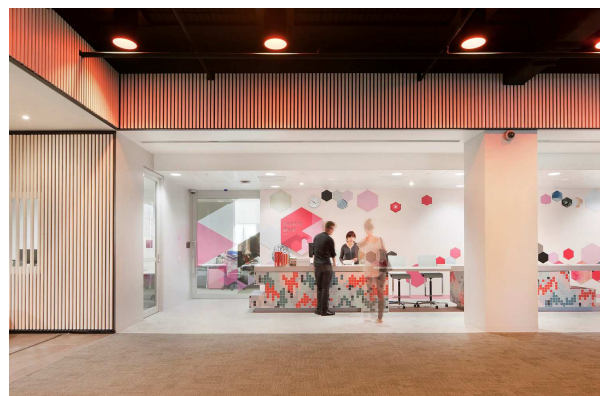


Fig. 44: Recepção da Biblioteca Raheen.
Fonte: www.archdaily.com.br

No térreo, fig. 42, além da recepção (fig. 43 e 44) e do espaço de trabalho reservado aos funcionários da biblioteca, existe um núcleo de estações de estudo e pesquisa, em verde, e em amarelo alguns pontos de apoio para

encontros colaborativos, com mobiliário doméstico, como se pode ver nas fig. 46 e 47. O layout da planta baixa se organiza em faixas A, B e C (fig. 42): Na faixa A ficam os funcionários da biblioteca; a faixa B estrutura as circulações horizontal e vertical; e na faixa C se organizam o ambiente de estudo e pesquisa (em verde), o ambiente doméstico (em amarelo) e uma sala de aula (em azul).

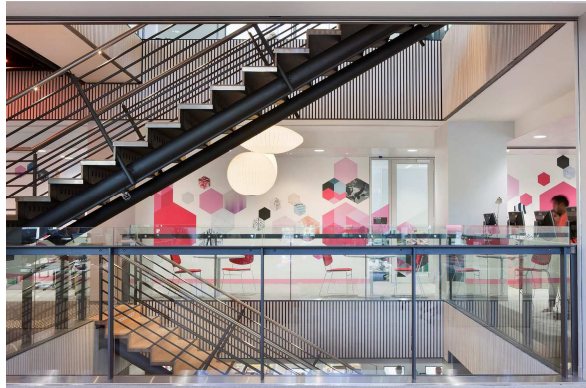


Fig. 45: Escada que conecta os três andares.
Fonte: www.archdaily.com.br



Fig. 46: Copa reservada aos funcionários.
Fonte: www.archdaily.com.br

Nas fig. 43 e 44 é possível notar que a materialidade faz alusão às páginas dos livros de maneira que referencia o ambiente no conceito proposto por *Woods Bagot*. A diferença entre pisos, altura de pé direito e tratamento de forro setoriza os serviços e diferentes usos. A faixa que reveste de branco o piso, as paredes e o forro sinaliza o balcão de atendimento (fig. 44), área restrita aos funcionários da biblioteca. Assim como na área de copa e convivência reservada a eles é mantida em branco preservando o conceito para setorização. O ambiente tem aspecto doméstico porque comporta um sofá que se integra ao espaço destinado às refeições (fig. 46).



Fig. 47: Espaço de colaboração com características domésticas.
Fonte: www.archdaily.com.br

A inserção de mobiliário doméstico para compor ambientes inovadores de ensino permite que o visitante se aproprie do espaço de forma que ele se

sinta confortável em passar mais tempo cumprindo suas atividades. A fig. 47 retrata a domesticidade que luminárias, poltronas, cadeiras estofadas, mesas de apoio, pufes, almofadas e tapete conferem ao ambiente aliados a uma paleta de cores harmoniosa, quente e tranquila.

No segundo pavimento da biblioteca (fig. 48), na faixa central B, estão as circulações verticais e os ambientes de colaboração. As faixas A e C são simétricas, com algumas variações de mobiliário. A grande marcação verde se trata da área de estudo e pesquisa e as marcações em azul são os ambientes que disponibilizam privacidade e isolamento.

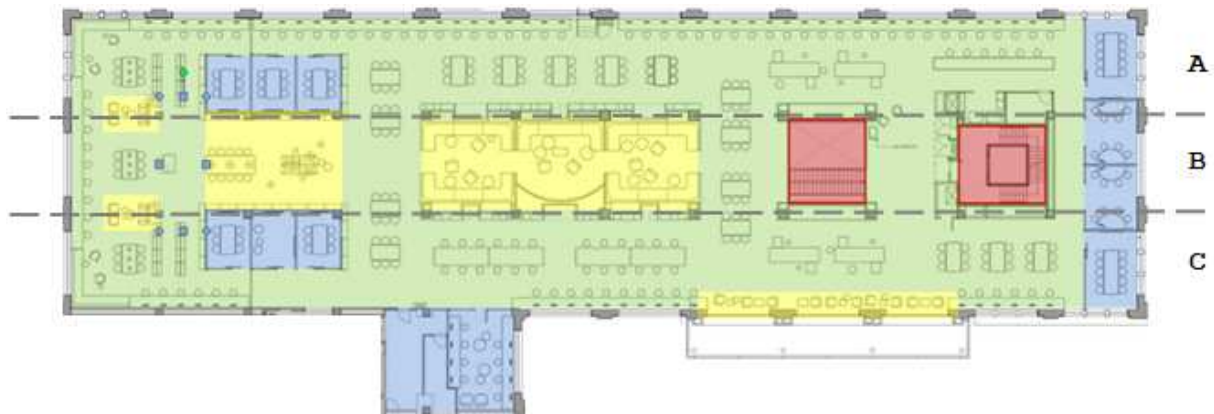


Fig. 48: Planta baixa do segundo pavimento da Biblioteca Raheen.
Fonte: Editado pela autora.

- Ambientes com mobiliário doméstico;
- Áreas de trabalho colaborativo;
- Circulação vertical;
- Áreas de trabalho privadas;
- Copa;
- Recepção | Acervo literário.

O acervo literário está distribuído entre as estações de trabalho como um plano de fundo em todo pavimento. As estantes tem fundo em preto fosco ressaltando as coleções literárias de capas coloridas e a prateleiras e divisórias aparecem em madeira natural (fig. 50 e 52) com espaçamento intercalado na altura da estante. Esse tratamento é padrão na faixa central B e nas faixas transversais. Já o padrão de estantes das fig. 49 e 51 estão dispostas ao longo das faixas A e C. Estas, além do fundo têm as prateleiras e divisórias em preto fosco. Ao logo das faixas A e C, nas estantes, entre as prateleiras, foram inseridas molduras quadradas ou retangulares que cria um recanto confortável com iluminação própria como mais uma possibilidade diferente para o visitante ocupar.

As mesas usadas no segundo pavimento são de madeira natural, com tampo largo e espessura fina. A ideia é de que o tampo se dobre, como um papel, para estruturar a bancada. Este conceito é usado em toda biblioteca, porém variando a altura delas. Para as bancadas altas foram dispostos bancos em preto fosco de assento quadrado e quatro pés retos fixados por fora e intertravados em alturas diferentes (fig. 51). Nas mesas de estudo localizadas nas faixas transversais foram dispostas cadeiras estofadas com

tecido amarelo e estrutura metálica esbelta na cor cinza. Ambientes de estar foram distribuídos na faixa central e compostos por sofás, mesas de apoio, almofadas e tapete (fig. 52).

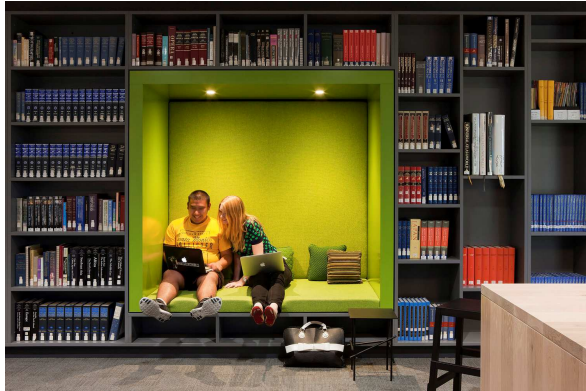


Fig. 49: Espaço de apoio para pesquisa.
Fonte: www.archdaily.com.br



Fig. 50: Área colaborativa de estudo.
Fonte: www.archdaily.com.br



Fig. 51: Estação de trabalho e estudo.
Fonte: www.archdaily.com.br



Fig. 52: Ambiente de mobiliário doméstico.
Fonte: www.archdaily.com.br

No subsolo (fig. 53) se localiza um acervo literário específico e ambiente de estudo e pesquisas. As áreas privativas são em maior número e o ambiente de colaboração com mobiliário doméstico também aparece neste pavimento.



Fig. 52: Planta baixa do subsolo da Biblioteca Raheen.

Fonte: Editada pela autora.

- Ambientes com mobiliário doméstico;
- Áreas de trabalho colaborativo;
- Circulação vertical;
- Áreas de trabalho privativas;
- Copa;
- Recepção | Acervo literário.



Fig. 53: Parte do espaço de colaboração com mobiliário doméstico.
 Fonte: www.archdaily.com.br



Fig. 54: Mobiliário utilizado na Biblioteca Raheen.
 Fonte: editado pela autora.

Na fig. 54 o ambiente retratado foi isolado com o uso de estantes divisórias de livros protegidos por vidro. No interior do espaço sofá, poltronas, luminária e mesas de apoio ocupam o espaço caracterizando um ambiente doméstico e confortável. A fig. 55 traz um apanhado geral do mobiliário usado na biblioteca. Percebe-se as tipologias são recorrentes, mas que se apresentam em materiais e cores diferentes para compor de forma a cumprir o conceito de cada ambiente.



Fig. 55: Faixa central e ambientes domésticos de colaboração.
Fonte: Editado pela autora.

A paleta de cores da biblioteca (fig. 56) traz matizes quentes que conferem um ambiente tranquilo para os estudantes cumprirem suas atividades. Percebe-se que apesar de tonalidades neutras foram usadas muitas cores. A Biblioteca Raheen é um projeto de ambiente pedagógico que reafirma a importância de espaços inovadores na contemporaneidade que fomentem a criatividade, o bem estar pessoal e a colaboração.

CONCLUSÃO

Conforme demonstram os exemplares de *Woods Bagot* algumas estratégias devem ser adotadas para favorecer que o ambiente seja colaborativo tanto no contexto empresarial quanto no contexto educacional.

Nas empresas analisadas, o espaço reservado para estações de trabalho são organizadas de forma linear e obedecem a uma ordem e ritmo. Vinculado a elas, as áreas de colisão são pontos convidativos para os funcionários discutirem tarefas, trocarem ideias, e colaborarem de forma espontânea.

Móveis coloridos, bancadas altas, padrões orgânicos caracterizam estes espaços que tem a finalidade de agrupar as pessoas. Além disso, é importante criar lugares para o isolamento individual ou de um grupo. Pessoas que passam muitas horas do dia no seu local de trabalho podem sentir necessidade de ficarem, por algum tempo, sozinhas.

Ambientes educacionais colaborativos seguem a mesma lógica compositiva das empresas: o núcleo para as estações de trabalho que é associado a uma área de convivência, ou ponto de colisão, e as salas privativas. Na fig. 57 tais associações entre ambientes estão demarcadas, confirmando que é um processo recorrente nestes projetos.



Fig. 56: Análise de distribuição e associação entre ambientes em espaços colaborativos.
Fonte: Editado pela autora.

- Ponto de colisão, colaboração;
- Salas privativas;
- Estações de trabalho.

Ao analisar-se a fig. 58, que traz um apanhado do mobiliário utilizado nos projetos de *Woods Bagot*, percebe-se claramente uma preocupação em manter uma padronização dos projetos a partir de seu mobiliário. Madeiras naturais aparecem como principal material nas mesas, bancos, luminárias, bem como a recorrência da mesa com pés palito, mesa com fechamento quadrado, bancos com três pés, mobiliário emborrachado, entre outros modelos. Todos eles aparecem de forma cuidadosa em projetos do contexto empresarial e também do contexto educacional. O despojamento em ambientes de ensino é maior que nos

ambientes de negócio. Essa diferenciação é conseguida com a escolha de sofás, tapetes, almofadas que compõem os cenários de aprendizagem. Aliada ao mobiliário, a paleta de cores definida para cada projeto gera o resultado esperado para o conceito de cada ambiente.



Fig. 57: Apanhado de mobiliário utilizado nos projetos analisados.
Fonte: editado pela autora.

Assim sendo, as fig. 59 e 60 comparam as paletas de cores de cada projeto. As cores que predominam em ambientes de trabalho são neutras como tons de cinza, branco, preto, marrom e bege. Cores vibrantes aparecem pontualmente em banquetas, bancos, pequenos objetos de decoração. Em contraponto, os ambientes educacionais favorecem uma paleta com maior variedade e intensidade de cores.



Fig. 59: Paleta de cores dos ambientes de trabalho e negócios.
Fonte: Editado pela autora.



Fig. 58: Paleta de cores dos ambientes de ensino e aprendizagem.
Fonte: Editado pela autora.

A arquitetura de interiores tem um papel fundamental no processo de reinvenção dos espaços, tanto no contexto educacional quanto no contexto de trabalho. Ela influencia diretamente na forma com que as pessoas vivem e se relacionam nesses ambientes.

Nesse sentido, é importante que o profissional busque atualização constante no âmbito de interiores, conhecendo novos materiais, novas técnicas e acabamentos, ou seja, novas possibilidades que acompanhem as mudanças sociais. Ressalta-se ainda, que o arquiteto deve ser um agente transformador, atuante nesse processo, capaz de apresentar trabalhos de qualidade e que atendam às necessidades do modo mais adequado possível, desempenhando uma postura proativa frente à inovação.

O momento atual requer pessoas questionadoras e criativas, não no sentido de planejar projetos sem critérios, mas sim em projetos que permitam a experiência de vida atualmente tanto para aprender, quanto para trabalhar. A contemporaneidade se caracteriza pelo ato de compartilhar: no ensino e na aprendizagem é momento de compartilhar conhecimento através das metodologias ativas; no trabalho e nos negócios compartilhar ideias e soluções visando sucesso e inovação. Ao passo que se entende a transformação do hoje, ao desenvolver um novo projeto, o arquiteto pode continuar sendo o coadjuvante do processo ou pode passar a ser o provocador das mudanças, o vanguardista e passar a construir o novo.

NOTAS:

1

Woods Bagot foi classificada em 6º lugar na lista de Arquitetura Mundial de Arquitetura do Edifício (BD), em 2016, subindo do sétimo lugar em 2015.

2

Conteúdo online consultado em novembro de 2016: <http://superspace.woodsbagot.com/>
O SuperSpace ajuda a criar respostas de projeto estratégico direcionadas e apoiadas por dados de pré-ocupação e pós-ocupação, que permitem o ajuste contínuo da experiência geral nos edifícios projetados por Woods Bagot.

3

Conteúdo online consultado em novembro de 2016: <http://superspace.woodsbagot.com/>

Segundo Woods Bagot: Fenômenos complexos entre pessoas e espaço em correlações dinâmicas são codificados em uma metodologia de design sintético. Todos os setores de projeto são compostos por categorias fundamentais de correlações: as SUPERTIPOLOGIAS.

4

Woods Bagot foi classificada em 6º lugar na lista de Arquitetura Mundial de Arquitetura do Edifício (BD), em 2016, subindo do sétimo lugar em 2015.

5

Conteúdo online consultado em: setembro de 2016:

<https://pt-br.insider.pro/technologies/2016-01-04/16-factos-sobre-a-nova-sede-da-apple/>

4

Conteúdo online consultado em: setembro de 2016:

<http://www.tecmundo.com.br/facebook/86464-quer-conhecer-nova-sede-facebook-mark-zuckerberg-mostra-para-voce.htm>

7

Conteúdo online consultado em setembro de 2016:

<http://yogui.co/nova-sede-da-google-projeto-eco-utopico-promete-aliar-sustentabilidade-e-inovacao/>

8

O prêmio é uma plataforma criada por Living Australia, em 2011, para inspirar os arquitetos e designers a utilizar a beleza e os benefícios de produtos sustentáveis no interior dos seus projetos.

9

Conteúdo online consultado em outubro de 2016:

<http://www.archdaily.com.br/br/789654/estudio-brisbane-woods-bagot>

10

Conteúdo online consultado em outubro de 2016:

<http://www.archdaily.com/568912/fujitsu-hq-woods-bagot>

11

Moreira, Marco Antonio. "Aprendizagem Significativa: Um conceito Subjacente", p. 25-46, 2011.

12

Troncarelli, Marcella Zampoli e Faria, Adriano Antonio. "A aprendizagem colaborativa para a interdependência positiva no processo ensino-aprendizagem em cursos universitários" Educação| Santa Maria| v.39 | n.21 | p.427-444 | maio/ago.2014.

13

Capitani, Caroline é gerente de marketing e inovação da Ilegra, possui formação em Relações Públicas pela UFRGS, pós graduação em Marketing pela mesma universidade e especialização em Design Estratégico pela Unisinos. Caroline colaborou com a autora a partir de conversas sobre o assunto abordado neste artigo, em novembro de 2016.

14

Revista Diálogo Educacional, Curitiba, v. 4, n.13, p.129-145, set./dez. 2004.

15

Conteúdo online consultado em outubro de 2016:

<http://www.archdaily.com/493677/muse-woods-bagot>

16

Conteúdo consultado em outubro de 2016:

<http://www.archdaily.com.br/br/623908/biblioteca-raheen-da-universidade-catolica-australiana-slash-woods-bagot>

REFERÊNCIAS

ANDRÉ, I. e ABREU, A. **Dimensões e espaços da inovação social**. Finisterra, XLI, 81, 2006, p. 121-141.

BIGNETTI, L.P. **As inovações sociais: uma incursão por ideias, tendências e focos de pesquisa.** Ciências Sociais Unisinos, São Leopoldo, vol. 47, n. 1, p. 3-14, jan/abr 2011.

CHEMIN, Beatriz F. **Manual da Univates para trabalhos acadêmicos: planejamento, elaboração e apresentação.** 3. ed. Lajeado: Univates, 2015.

EKVALL, G. (1996). **Organizational climate for creativity and innovation.** *European Journal of work and Organizational psychology*, 5(1), 105-123.

FARIA, A.A e TRONCARELLI, M. Z. **A aprendizagem colaborativa para a interdependência positiva no processo ensino - aprendizagem em cursos universitários.** Educação, Santa Maria, v. 39, n.2, p. 427-444, maio/ago 2014.

FURTADO, Juarez P. **Equipes de referência: arranjo institucional para potencializar a colaboração entre disciplinas e profissões.** Interface - Comunic, Saúde, Educ, v.11, n. 22, p. 239-255, maio/ago 2007.

KOWALTOWSKI, D. C. C. K. **Arquitetura Escolar: o Projeto do Ambiente de Ensino.** Ed. Oficina de textos, 2011.

MOREIRA, M.A. **Aprendizagem significativa: um conceito subjacente.** Aprendizagem Significativa em Revista, v.1(3), p. 25-46, 2011.

RODRIGUES, A. F. e VELOSO, A. **Contribuições da gestão de recursos humanos para a criatividade e inovação organizacional.**